

EXECUTIVO

Mantega fora do jogo na Vale

Alexandre Silveira, ministro de Minas e Energia, diz que governo não indica dirigentes da mineradora. Ações sobem na B3

» HENRIQUE LESSA

Titular da Fazenda no governo de Dilma Rousseff, Guido Mantega não será indicado para assumir a presidência da Vale S.A, garantiu, ontem, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira. Especulações durante a semana diziam que o governo estaria fazendo gestões para que o economista substituisse o atual presidente, Eduardo Bartolomeo.

Em reação, Silveira buscou reduzir ruídos e disse que “uma indicação do governo para a Vale é um absurdo”, descartando qualquer possibilidade de interferência na empresa, privatizada em 1997.

As especulações surgiram no momento em que o atual CEO da mineradora, Bartolomeo, precisa ser informado se o contrato dele, que vence em 31 de maio, será renovado. Pelo estatuto da Vale, o executivo deve ser comunicado, com quatro meses de antecedência, se terá ou não a renovação do mandato. Esse prazo termina na próxima quarta-feira, e a expectativa é que o Conselho de Administração da companhia, que elege o presidente da Vale, anuncie um nome até terça-feira.

O governo vem dando sinais de que não gostaria da recondução do atual presidente, a quem atribui a demora na solução do pagamento de indenizações das vítimas do rompimento da barragem de Mariana, em Brumadinho (MG).

Os sinais da suposta pressão do governo para emplacar Mantega causaram reações no mercado e entre os acionistas. A cotação das ações da empresa negociadas em bolsa caiu na quinta-feira, mas, com o anúncio de que Mantega não será “indicado” pelo governo, os papéis se recuperaram e fecharam o pregão com alta de 1,67%. Mesmo com a recuperação de ontem, as ações da empresa acumularam, no último ano, perda de 9,97% — atribuída, em grande parte, à retração da economia chinesa.

A mineradora não conta mais com participação acionária do governo — que detém apenas o direito de veto em algumas decisões — nem do BNDES, que vendeu suas posições em 2022. Mas a empresa tem como maior acionista individual a Previ (fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil), com pouco mais de 8,7% do capital.

A possibilidade de a Previ ser usada para forçar uma indicação do Palácio do Planalto foi refutada pelo ministro Silveira. Ele lembra que o fundo de pensão tem

EVARISTO SA



Após críticas a uma suposta tentativa de ingerência no comando da Vale, o governo diz que Guido Mantega não será indicado para presidir a mineradora

Uma gigante com muitos donos

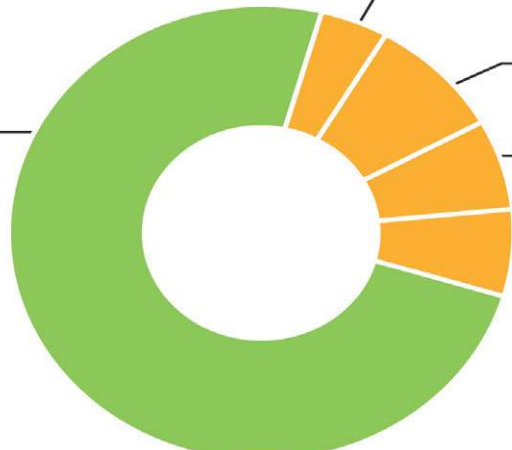
A Vale S.A., nome atual da mineradora criada por Getúlio Vargas com o nome de Companhia Vale do Rio do Doce, é a segunda maior empresa do Brasil, com uma receita líquida total de mais de R\$ 208 bilhões ao ano

TOTAL DE AÇÕES, 31 DE DEZEMBRO DE 2023

Acionistas com mais de 5% do capital total
Outros*

73,88%

*Mais de 50% do capital da empresa está em livre negociação nas bolsas de valores, como na B3 (Bovespa) e em Nova York



PRINCIPAIS ACIONISTAS DA VALE

PREVI

É o fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil, hoje um dos maiores do país. Tem a maior participação individual na empresa.

MITSUI & CO.

A companhia japonesa é uma das maiores investidoras do setor de indústria pesada.

BLACKROCK, INC

A empresa norte-americana é uma gigante do ramo de investimentos

apenas duas das 13 cadeiras no Conselho de Administração da empresa. Silveira também ressaltou que a Previ é controlada pelos funcionários do banco estatal,

e não pelo governo.

“Lula é presidente pela terceira vez, todos conhecem bem o perfil do presidente, ele nunca se disporia a fazer uma interferência

direta em uma empresa de capital aberto, listada em bolsa, uma corporation que tem governança e natureza jurídica própria”, ressaltou o ministro. “O governo

não tem que indicar um nome e muito menos interferir na governança da Vale do Rio do Doce”, emendou.

Para Silveira, as informações

que ganharam espaço na imprensa não passam de especulações. “Foi dito que eu teria ligado para alguns conselheiros, que eu estaria pressionando alguns conselheiros em relação ao nome do ministro Mantega. A posição do governo é a de que nós compreendemos que se trata de uma empresa de capital aberto, de natureza jurídica própria, o governo não é controlador, diferentemente da Petrobras”, enfatizou o ministro.

Mercado reage bem

Antes de Alexandre Silveira negar a mobilização em favor de Mantega, a presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), defendeu, na quinta-feira, o nome do petista. “Pouquíssimos brasileiros são tão qualificados quanto Guido Mantega para compor o Conselho da Vale, uma empresa estratégica para o país”, disse a petista, em uma rede social.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no mesmo dia, criticou a empresa pela demora no pagamento das indenizações referentes à tragédia de Brumadinho. “Faz cinco anos do crime que deixou Brumadinho debaixo de lama, tirando vidas e destruindo o meio ambiente. Cinco anos, e a Vale nada fez para reparar a destruição causada”, escreveu.

Com os desmentidos do governo quanto à indicação do economista e a reação positiva nos preços dos papéis da empresa, a petista, ontem, criticou o movimento dos mercados. “A Vale foi condenada, ontem (quinta-feira), numa ação de R\$ 43 bilhões pelo crime de Mariana. Qualquer empresa teria queda de ações na Bolsa depois de uma decisão como essa. Mas o que sai na mídia especializada é que a culpa é a possível indicação do ex-ministro Guido Mantega para a direção da empresa. Quanta manipulação”, reclamou.

Brumadinho

Negando qualquer ingerência na administração da mineradora, o ministro Alexandre Silveira, que é de Minas Gerais, deixou claro que o governo está descontente com as medidas compensatórias da empresa em relação à tragédia de Mariana, que completou cinco anos na última quinta-feira.

“O Brasil é um país que respeita contratos, e eu disse em Davos (Suíça) que o presidente Lula só tratou comigo sobre a Vale do Rio Doce que nós devemos cobrar celeridade na questão da reparação do dano às vítimas do acidente em Mariana”, apontou o ministro.



(Lula) nunca se disporia a fazer uma interferência direta em uma empresa de capital aberto, listada em bolsa, uma corporation que tem governança e natureza jurídica própria

Alexandre Silveira,
ministro de Minas e Energia

ELEIÇÕES

Base tucana em São Paulo cobra candidaturas próprias

Integrantes do PSDB de São Paulo se reuniram, ontem, para definir detalhes da convenção estadual do partido, prevista para 25 de fevereiro. Os tucanos defendem a ideia de candidatura própria nas principais cidades do estado, o que inclui a capital paulista, embora algumas lideranças municipais prefiram apoiar o prefeito Ricardo Nunes (MDB) em sua batalha pela reeleição.

O presidente da Executiva provisória e prefeito de Santo André (no ABC paulista), Paulo Serra, afirmou que a discussão sobre as eleições na capital se dará, efetivamente, após 25 de fevereiro. “Depois da convenção é que virão essas definições. Claro que, como conceito, regra geral, um partido que quer se reposicionar e se reconectar com a sociedade não pode abrir mão de candidaturas próprias em cidades importantes, como é o caso da capital (São Paulo). Mas é uma discussão que será feita em parceria com a Executiva Nacional”, disse o dirigente.

O prefeito de Ribeirão Preto, Antônio Duarte Nogueira Junior, não vê motivos para o partido

não lançar candidatura própria na principal cidade do país. “O PSDB, desde 1988, em todas eleições até a vitória do prefeito Bruno (Covas), em 2020, teve candidato a prefeito na capital. Não vejo razão para agora não ter. Vamos fazer a convenção estadual dia 25 de fevereiro. Em seguida, amadurecemos o partido na capital”, corroborou ele.

A reunião tucana contou ainda com as presenças do ex-senador José Aníbal, do ex-prefeito de São José dos Campos Eduardo Cury, do secretário-geral do partido, Carlos Balotta, e dos ex-deputados Marco Vinholi e Ricardo Trípoli.

A polêmica em torno do lançamento de candidatura própria causa um desgaste no PSDB paulistano. Líder da bancada tucana na Câmara Municipal de São Paulo, o vereador João Jorge anunciou, no domingo passado, que vai deixar o PSDB após 32 anos como filiado.

“A dolorosa decisão pela desfiliação foi amplamente debatida com minha base política”, disse Jorge, em publicação no Instagram. “Meu destino partidário para disputar a reeleição como

Reprodução/Redes Sociais



Prefeitos Paulo Serra e Duarte Nogueira (sentados, ao centro), em selfie com membros do tucanato paulista

vereador da cidade de São Paulo será conhecido depois de conversar com o prefeito Ricardo Nunes, a quem apoiarei em sua campanha de reeleição”, acrescentou.

Já Orlando Faria deixou a presidência municipal do partido e vai atuar na campanha de Tabata Amaral, do PSB,

argumentando que ela tem mais chance de atrair o eleitor do PSDB. Enquanto a direção municipal do partido defende apoio à reeleição de Ricardo Nunes na capital, a direção nacional apoia candidatura própria.

Na dificuldade para encontrar um nome que aceite o desafio, o

PSDB insiste em atrair de volta à sigla o ex-ministro Andrea Matarazzo para assumir a missão. Vereador eleito em 2012 pelo PSDB, partido pelo qual foi filiado entre 1991 e 2016, Matarazzo disputou a prefeitura de São Paulo na última eleição, filiado ao PSD. Ele foi ministro da Secretaria de



O PSDB, desde 1988, em todas eleições até a vitória do prefeito Bruno (Covas), em 2020, teve candidato a prefeito na capital. Não vejo razão para agora não ter”

Antônio Duarte Nogueira Junior, prefeito de Ribeirão Preto

Comunicação Social do governo de Fernando Henrique Cardoso e embaixador em Roma. Ítalo-brasileiro, Matarazzo tentou uma vaga no Senado da Itália, mas não foi eleito. Ele obteve pouco mais de 27 mil votos e estava em uma coligação do Partido Democrático.